

A LUDICIDADE COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



PLAYFULNESS AS A FUNDAMENTAL ELEMENT IN THE CONSTRUCTION OF CHILDREN'S CULTURAL IDENTITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

AILZA FERREIRA DE SOUZA

Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR (2019); Especialista em Educação Infantil e Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Conchas – FACON (2019); Especialista em Contação de Histórias e Musicalização na Educação Infantil; Especialista em ABA – Análise Comportamental Aplicada ao Autismo, Alfabetização e Letramento, Autismo: Aspectos Pedagógicos – Abordagem Multidisciplinar – Faculdade Iguazu (2022). Professora de Educação Infantil.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo destacar a importância do brincar na construção da identidade cultural das crianças na Educação Infantil. O ato de brincar é uma parte essencial da vida infantil, e proporcionar momentos lúdicos que contribuam para essa construção é fundamental. Desde cedo, é necessário que as crianças tenham contato com o lúdico, pois o desenvolvimento emocional, intelectual, cognitivo e até físico depende significativamente dessas experiências. As atividades lúdicas promovem o crescimento integral da criança, uma vez que o ato de brincar permite que ela explore o mundo do faz de conta, onde tudo é possível. Ao vivenciar esse universo imaginativo, a criança experimenta uma ampla gama de emoções, como medo, alegria, tristeza e prazer, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo. Durante as brincadeiras, as crianças recriam e reinterpretam os eventos vividos, sempre conscientes de que estão em uma atividade lúdica. Um dos principais aspectos do brincar é o papel que as crianças assumem enquanto jogam ou encenam. Ao interpretar diferentes papéis, elas interagem com a realidade de forma simbólica, substituindo suas ações cotidianas por aquelas correspondentes aos papéis assumidos, muitas vezes utilizando objetos de forma substitutiva. Dessa forma, é crucial que os professores integrem as brincadeiras pedagógicas em suas práticas, estimulando a imaginação das crianças. É importante motivar os educadores a participarem ativamente dessas brincadeiras, que são essenciais para o desenvolvimento intelectual e criativo das crianças. Ao incentivar essas interações lúdicas, os professores ajudam a construir um ambiente mais dinâmico e enriquecedor, no qual o conhecimento e a criatividade se entrelaçam, promovendo um mundo de aprendizado mais significativo e eficaz

para os pequenos. Diante das considerações apresentadas, conclui-se que, a ludicidade pode ser um recurso pedagógico estratégico para a construção da identidade cultural das crianças na Educação Infantil, promovendo uma educação inclusiva e respeitosa das diversidades culturais presentes no ambiente escolar.

Palavras-chave: Ludicidade; Recurso pedagógico; Educação Infantil; Identidade cultural.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the importance of play in the construction of children's cultural identity in Early Childhood Education. The act of playing is an essential part of children's lives, and providing playful moments that contribute to this construction is fundamental. From an early age, children need to have contact with play, as their emotional, intellectual, cognitive and even physical development depends significantly on these experiences. Playful activities promote the integral growth of children, since the act of playing allows them to explore the world of make-believe, where anything is possible. By experiencing this imaginative universe, children experience a wide range of emotions, such as fear, joy, sadness and pleasure, favoring their cognitive development. During play, children recreate and reinterpret the events they experience, always aware that they are engaged in a playful activity. One of the main aspects of play is the role that children take on while playing or role-playing. By interpreting different roles, they interact with reality in a symbolic way, replacing their everyday actions with those corresponding to the roles they take on, often using objects as a substitute. It is therefore crucial that teachers integrate pedagogical play into their practices, stimulating children's imagination. It's important to motivate teachers to actively participate in these games, which are essential for children's intellectual and creative development. By encouraging these playful interactions, teachers help to build a more dynamic and enriching environment in which knowledge and creativity intertwine, promoting a more meaningful and effective learning world for children. In view of the considerations presented, it can be concluded that playfulness can be a strategic pedagogical resource for building children's cultural identity in Early Childhood Education, promoting an inclusive education that respects the cultural diversities present in the school environment.

Keywords: Playfulness; Pedagogical resource; Early childhood education; Cultural identity.

INTRODUÇÃO

O processo de construção da identidade cultural das crianças é complexo e envolve múltiplas dimensões, como a cognitiva, social, afetiva e emocional. Dentre os fatores que influenciam essa construção, a ludicidade se destaca como um elemento essencial, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança. Brincar e jogar não são apenas atividades recreativas, mas processos que permitem a expressão de subjetividades, a exploração do mundo ao redor e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais (MORAES; COELHO, 2021).

Este trabalho tem como objetivo analisar a função da ludicidade na formação da identidade cultural das crianças, destacando sua importância no processo de aprendizagem, socialização e autoconhecimento, desde a infância até a vida adulta. A ludicidade é apresentada aqui não apenas como uma ferramenta pedagógica, mas como um meio essencial de construção de significado e de

interação com o mundo, sendo um fator central para o desenvolvimento da autonomia e da identidade individual.

A ludicidade, embora frequentemente associada ao entretenimento, tem um papel mais profundo no desenvolvimento infantil. As atividades lúdicas são uma forma de a criança expressar sua compreensão de mundo, aprender normas sociais e construir sua identidade, inclusive sua identidade cultural. Com o aumento da diversidade nas salas de aula e a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, é fundamental que os educadores reconheçam o potencial do brincar como uma ferramenta pedagógica para a construção da identidade cultural (CARDOSO; BATISTA, 2021).

Este estudo se justifica pela necessidade de investigar como a ludicidade pode ser um recurso estratégico no processo de formação cultural das crianças. Compreender essa dinâmica permitirá aos educadores desenvolverem abordagens que integrem a diversidade e promovam uma educação que respeite e valorize as diferenças culturais desde a primeira infância.

REFLEXÕES HISTÓRICAS SOBRE AS PRIMEIRAS FORMAS DE INSTITUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde os primeiros jardins de infância, diversas mudanças na compreensão da infância. É essencial ressaltar que a perspectiva contemporânea em relação à criança é resultado de transformações históricas construídas ao longo do tempo. A concepção infantil deixou para trás o posicionamento tradicional no qual a criança era vista como um adulto em miniatura e passou a ser entendida como sujeito histórico-cultural com direitos e valores respeitados, sendo percebida e não apenas visualizada (BARROS; CASTRO, 2019).

Durante muito tempo, o cuidado e a educação das crianças pequenas era apenas função da família, principalmente, das mães e de outras mulheres. No século XIX, a mulher ainda era vista apenas como mãe, significava que a obrigação direta de educar e cuidar os filhos era apenas dela. As mães que precisavam trabalhar deixavam seus filhos em locais que se exigia a preparação de moças conhecidas como as “jardineiras”, mulheres que em suas condutas agiam como mães e educadoras, das moças eram exigido conhecimento psicológico e de religião (CARVALHO; CARVALHO, 2002). Todavia, no início do século XX, após a Revolução Industrial e com o avanço das mulheres, no mercado de trabalho, foi que a preocupação com as crianças pequenas aumentou.

Com as mudanças na estrutura familiar e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, surgiu a preocupação de onde deixar as crianças pequenas. Para resolver essa questão, inicialmente foram criadas creches públicas com o objetivo de atender às famílias mais necessitadas, focando no cuidado e na higiene. Com o crescimento do país, a preocupação com a qualidade do trabalho realizado nessas instituições aumentou, o que levou a propostas de mudanças na visão da educação anteriormente oferecida (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

A entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho foi facilitada pela Revolução Industrial, o que mudou de maneira como as famílias cuidavam e educavam seus filhos: “As ‘mães operárias’ que não tinham com quem deixar seus filhos e utilizavam-se do trabalho das conhecidas ‘mães mercenárias’, ou seja, a educação não seria mais exclusividade dentro do lar, pelas mães [...]” (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 80). Assim, com o advento da indústria moderna, houve uma forte transformação na estrutura social existente, provocando mudanças significativas nos hábitos e tradições familiares (RIZZO, 2006).

Conforme apontado por Kuhlmann Jr. (2003), tanto escolas quanto creches surgiram devido à expansão do capitalismo e urbanização, o que culminou na formalização das instituições externas para a Educação Infantil. Entretanto, inicialmente as práticas se limitavam apenas à disciplina e obediência, sem considerar a importância do conhecimento.

Com essas novas transformações, a história da Educação Infantil foi marcada pela demanda de uma sociedade em processo de urbanização e influenciada pelo capitalismo. Dessa forma, a formalização das instituições de Educação Infantil ocorreu para atender melhor às necessidades das crianças e das mães, muitas das quais estavam dispostas até a pagar pela educação de seus filhos.

O desenvolvimento de atividades científicas, comerciais e artísticas durante o período renascentista levou ao surgimento das primeiras instituições de educação infantil. Isso deu origem a novas visões sobre como as crianças deveriam ser educadas e gradualmente levou a arranjos mais formais para cuidados infantis fora das famílias, muitas vezes por meio de organizações filantrópicas. Embora não houvesse nenhuma proposta formal de instrução nessa época, várias atividades como cantar, recitar orações ou passagens bíblicas e alguns exercícios semelhantes à pré-escrita ou pré-leitura foram realizados, o que ajudou a desenvolver bons hábitos de comportamento entre os jovens aprendizes (OLIVEIRA, 2018).

A educação das crianças consistia em tarefas simples, tais como em aprender valores religiosos, higiene e outros aspectos de caráter familiar, e a formalidade da Educação Infantil que se desenvolvia por meio de atividades realizadas com as crianças, compondo assim, currículos de tarefas para o crescimento escolar. Desta maneira, em função da crescente participação dos pais no trabalho das fábricas, fundições e em minas de carvão, surgiram outras formas de arranjos mais formais de serviços de atendimento das crianças (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

No século XIX, a preocupação com a educação dessas crianças se limitava à disciplina e, por isso, foi estabelecida uma estrutura escolar voltada exclusivamente para esse propósito. Segundo Horn (2004, p.23), “a própria planta dos prédios escolares previa os espaços como modo de controle da disciplina, com as salas de aula organizadas com filas de classes, corredores de circulação estreitos, etc.”. Naquela época, a criança era percebida como um adulto em miniatura. Com o tempo, houve transformação na sociedade e surgiu a necessidade de criar novos sistemas educacionais. Nessa mesma época surgiram instituições filantrópicas para cuidar de crianças que não tinham famílias por perto (OLIVEIRA, 2018).

Após a Revolução Industrial no Brasil, ainda não havia escolas independentes. No entanto, algumas famílias assumiram os cuidados com crianças abandonadas em suas casas enquanto as mães trabalhavam. Desta forma, no final do século XIX, após a abolição da escravidão, surgiram as primeiras instituições filantrópicas - os jardins de infância. Estes foram criados em 1837, pelo alemão Friedrich Fröebel, em Blankenburg, sendo conhecidos como "viveiros infantis". Eram assim denominados porque as crianças eram consideradas sementinhas cultivadas com carinho (RIZZO, 2006). De acordo com Oliveira (2018, p. 92):

A ideia de "jardim de infância", todavia, gerou muitos debates entre os políticos da época. Muitos a criticavam por identificá-la como as salas de asilo francesas, entendidas como locais de mera guarda das crianças. Outros a defendiam por acreditarem que trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escola-novistas. O cerne da polêmica era a argumentação de que, se os jardins de infância tinham objetivos de caridade e destinavam-se aos mais pobres, não deveriam ser mantidos pelo poder público.

Para Comênio (*apud* OLIVEIRA, 2018), a criança começa a aprender desde o colo da mãe. A visualização, a audição e o sensorio são muito importantes nessa fase, a partir daí a criança desenvolve seu lado racional. O autor ainda afirma que é importante o tempo e espaço escolar para que aconteça o desenvolvimento da criança. No mesmo sentido, Horn (2004, p. 28), afirma que, "é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções".

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em seu art. 208, inciso IV, define que é dever do Estado a educação, sendo efetivada mediante a garantia de Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade, assim, a Educação Infantil é definida como um direito da família e um dever dos governantes. De acordo com Kulisz (2006, p.25),

A criança brasileira, no âmbito legal, possui o direito de ter acesso ao atendimento em creches e escolas infantis, e essas deveriam estar vinculadas à área de educação, procurando aproximar a dimensão de educar à de cuidar, mas, ao mesmo tempo, tem estado distante do esperado no cotidiano da Educação Infantil.

Atualmente, a preocupação não é com a estrutura física das creches e pré-escolas, sendo que os governantes investem pouco no espaço para a Educação Infantil. Isso causa preocupação, já que uma área ampla e adequada é essencial para o desenvolvimento infantil. Kulisz (2006) argumenta que não precisamos preocupar apenas com a falta de recursos, mas também com as alternativas políticas, assim, as instituições passam a ser pensadas e reivindicadas como lugar de educação e cuidados coletivos das crianças pequenas.

O trabalho nas instituições de Educação Infantil deve priorizar não apenas os processos educativos que envolvam as crianças como sujeitos da própria cultura com suas especificidades etárias, de gênero, raça e classe social. Mas, além disso, precisam tomar cuidado para não caírem na reprodução das práticas familiares, hospitalares e/ou escolares. As escolas de Educação Infantil precisam ser vistas como um espaço que estimula a aprendizagem e não como um lugar que,

[...] oferece um espaço que determina a disciplina, em uma relação de mão única, na qual a criança é mantida em uma imobilidade artificial. Na educação infantil, é comum os arranjos espaciais não permitirem a interação entre as crianças, impossibilitando sua apropriação dos espaços através de objetos, desenhos e nomes. A própria prática docente desenvolvida em muitas instituições de educação infantil defende o espaço como aliado ao controle dos corpos e dos movimentos considerados importantes no que é entendido como “pré-alfabetização” (HORN, 2004, p. 27).

Sob as ideias de Fröebel (*apud OLIVEIRA et al.*, 2011), constata-se a importância do espaço físico escolar para a criança, na qual ela possa ter melhor contato com a natureza, “desse modo, a escola para crianças pequenas deveria ser um lugar onde elas pudessem ter um contato mais próximo com a natureza, conviver com animais e plantas e mexer na água e na terra” (OLIVEIRA *et al.*, 2011, p. 29).

Percebe-se que com o passar do tempo, ocorreram mudanças significativas, o método tradicionalista foi perdendo forças, a Educação Infantil hoje educa não apenas aos cuidados higienistas e alimentares, mas para a formação de um cidadão crítico-reflexivo na sociedade em que se encontra inserida. Neste contexto, a Educação Infantil, que antes era vista apenas como antecipação do Ensino Fundamental I, ora dificultando então o acontecimento das atividades lúdicas, hoje é tida como uma ruptura entre práticas inovadoras e o tradicionalismo, que romperam paradigmas na história da criança pequena.

LUDICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A ludicidade pode ser definida como o conjunto de atividades que envolvem o jogo, o brincar e as expressões criativas que são inerentes ao ser humano. Desde os primeiros anos de vida, o ato de brincar é a principal forma pela qual as crianças interagem com o mundo, testam hipóteses, descobrem suas capacidades e começam a entender as regras sociais e culturais.

Segundo Vygotsky (2019), o brinquedo é um importante mediador do desenvolvimento, pois oferece à criança um espaço simbólico para a prática de habilidades que serão essenciais na vida adulta. Além disso, a ludicidade está intimamente ligada ao desenvolvimento emocional, ajudando as crianças a expressarem suas emoções, lidar com frustrações e desenvolverem a empatia. Ao brincar, elas também exploram diferentes papéis sociais, o que facilita a construção de sua identidade e autopercepção. Essa prática vai além da infância, estendendo-se à vida adulta, onde o lúdico continua a ser uma ferramenta de autoconhecimento e reflexão.

O lúdico tem uma importância ímpar como facilitador da aprendizagem em estudos realizados sobre o tema fora analisado que alguns estudiosos mostram que o lúdico pode ser um instrumento indispensável na aprendizagem, nas relações sociais, no desenvolvimento geral da formação das crianças; deixando claro que os professores e futuros educadores devem e precisam tomar

conhecimentos destes conceitos essenciais para o desenvolvimento das mesmas (CARDOSO; BATISTA, 2021).

Dito isso, se percebe a eficiência do lúdico e com ele, os jogos, as brincadeiras os brinquedos tendem a assumir uma grande importância no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. É notório e confirmado por alguns educadores que tem conhecimentos sobre o tema que possível juntar o brincar e o educar dentro da mesma situação de aprendizagem.

Observa-se, então, o quanto é importante incluir brincadeiras na rotina escolar, pois no auge da infância as crianças gostam e se interessam por brincadeiras, contudo faz-se necessário resgatá-las e inseri-las no contexto educacional para que sirvam de subsídio no ato de ensinar e aprender.

Na convivência escolar são necessárias também que os professores resgatem a cultura de seus alunos como as brincadeiras dos antepassados as comemorações realizadas mais antigas para que se possa realizar a construção de novas culturas. Dentro desse contexto, Huizinga (2019, p. 41) diz que: “o lúdico é uma manifestação cultural e é através da ludicidade que a criança irá expressar sua bagagem cultural e construir novas culturais”.

A partir do pressuposto confirma-se que a ideia do resgate cultural contribui de forma grandiosa no sentido de reviver culturas vividas no passado e construir novas culturas, de acordo com a realidade local ou regional.

Os jogos e as brincadeiras por si mostram diversas formas que auxiliam na construção do conhecimento, cuja, a criança vai adequando-se do conhecimento de forma estimulante e afável. No jogo, quando uma criança está participando por si próprio ela consegue ver seu crescimento e sente-se de forma natural e desafiadora de como vencer aquele desafio.

Conforme destacado por Antunes (2014, p. 25), “as brincadeiras dentro do lúdico se tornam um aliado instrumento do trabalho pedagógico supervalorizado para se conseguir alcançar os objetivos de uma construção de conhecimento onde o aluno seja participativo ativo”.

Contudo, não existe dúvida alguma no que se refere à construção de conhecimento a partir das atividades lúdicas, sendo assim é idealizado que os docentes da atualidade promovam novos olhares e metodologia a serem implementados nas escolas com objetivos de ensinar e aprender prazerosamente. Sabe-se também que a escola tem fundamental importância no sentido de promover o resgate da ludicidade com sucatas, jogos e brincadeiras, valorizando os jogos como fontes propícias e formadoras de atitudes quando se trata de respeito mútuo, cooperação, obediência as regras, responsabilidade individual e grupal, bem como promove o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Portanto, as brincadeiras, os jogos (o lúdico de forma em geral) são atividades sérias, de fundamental importância na formação de seres integrais, assumindo também a função para a inclusão social. Sobre o assunto, Wallon (1979, p. 45) diz que: “a criança aprende muito a brincar o que aparentemente ela faz apenas para distrair-se ou gastar energia é na realidade uma ferramenta para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e psicológico”.

Ressalta-se diante do pressuposto a valorização da construção de jogos, e brinquedos com sucatas e o resgate das brincadeiras para que a criança que manifeste sua criatividade dentro do

contexto escolar. Barros (2002, p. 29) explana sobre o assunto dando a seguinte opinião: “a escola de considerar imprescindível, sobretudo na infância a ocupação do tempo livre das crianças com a construção de jogo e brincadeiras de sucatas com atividades prazerosas e desejantes”.

Diante do exposto, Antunes (2014, p. 25) afirma que: “as brincadeiras dentro do lúdico se tornam um aliado instrumento do trabalho pedagógico supervalorizado para se conseguir alcançar os objetivos de uma construção de conhecimento onde o aluno seja participativo ativo”. Assim sendo, não existe dúvida alguma no que se refere à construção de conhecimento a partir dos jogos e brincadeiras. Sendo assim, é idealizado que os docentes da atualidade promovam novos olhares e metodologia a serem implementados nas escolas com objetivos de ensinar e aprender prazerosamente.

O BRINCAR COMO INSTÂNCIA EDUCATIVA

Sabe-se que a prioridade de uma instituição escolar é a aprendizagem, porém é necessário que haja prazer no ato de aprender, sendo responsabilidade do professor aliar as duas coisas. Quando se trata da Educação Infantil, associamos o prazer a jogos e brincadeiras, pois estes são essenciais na vida das crianças, pois brincando expressam sua imaginação e criatividade.

A brincadeira é uma expressão cultural capaz de trazer à tona algo que não se faz visível. Possibilitando ao professor lidar com sentimentos, desenvolvimento da criatividade, preparação para operações lógicas – matemáticas, convivência social, permite que experimente limites pessoais e em grupo, bem como tantas outras formas de aprendizagem. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 23):

Na instituição de Educação Infantil pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada ao processo de desenvolvimento infantil.

Faz-se necessário que os professores de educação infantil ofereçam e favoreçam oportunidades de aprendizagens que se constituam através de jogos e brincadeiras, reconhecendo-os como possibilidade educativa. Torna-se indispensável a inserção da brincadeira ao currículo escolar, dando a esta a mesma importância dos seus demais componentes. Pois nos dias atuais as instituições escolares tem se preocupado excessivamente com a formação do futuro adulto por meio de propostas pedagógicas que privilegiam desde muito cedo a vida acadêmica, deixando de lado a criança e sua infância.

O professor de Educação Infantil precisa compreender o papel que exerce a ludicidade no desenvolvimento da criança, cabe a ele oferecer atividades que contemplem a alegria, beleza e a ficção da brincadeira, tornando a aprendizagem um momento de contentamento tanto para ele quanto

para quem aprende. Além de ser imprescindível que o professor dedique parte do seu tempo destinado ao planejamento de suas aulas em pesquisas e estudos que visem aprimorar sua ação pedagógica frente às ocasiões de jogos e brincadeiras, pois só a ele cabe a função de planejar, analisar e avaliar a potencialidade educativa, os objetivos e os desafios das diferentes situações neste contexto.

Muitos escritores renomados como Piaget, Vygotsky, Wallon, Abramovich e Wajskop têm discorrido sobre o brincar na educação infantil de diferentes maneiras, entretanto todos concordam que este é fundamental para o desenvolvimento da criança e quando esta tem dificuldades em brigar ou se nega a participar, merece atenção particular.

Brincar não é mentir nem fantasiar, a criança retira de sua vida os conteúdos da brincadeira através das impressões em sentimentos de vivência dos conhecimentos que aprende das histórias que escutou, por isso para brincar é preciso entender que a brincadeira é uma atividade da imaginação (ABRAMOVICH; WAJSKOP, 2004, p. 59).

Quando uma criança está brincando, é importante que o professor preste atenção às suas reações e aos objetos envolvidos nesse processo. Através da brincadeira, a criança pode reconstruir e expressar seu mundo interior, revelando sua condição de vida atual bem como seus desejos, medos e aspirações.

A prática lúdica é uma atividade intensa, que estimula a espontaneidade e o comportamento livre do aluno. Possibilidade de a criança experimentar, construir e recriar o mundo que cerca em seu próprio ritmo. Por isso, as instituições de ensino devem valorizar as brincadeiras como um componente importante para a aquisição do conhecimento ao mesmo tempo que proporcionam ótimas oportunidades socioafetivas para os pequenos alunos.

O brincar fornece às crianças um importante sistema de suporte mental, que lhes permite pensar e agir de diferentes maneiras. Ele enfatiza que a natureza do brincar simbólico é muito importante para o desenvolvimento infantil. Em suas concepções, as situações imaginárias criadas durante o brincar seriam zonas de desenvolvimento proximal que operam como sistemas de suporte mental (VYGOTSKY, 2019, p. 134).

Uma prática pedagógica que faz uso de atividades lúdicas serve como estímulo ao desenvolvimento integral dos alunos, pois possibilita o desenvolvimento do raciocínio, a troca de experiências, o confronto de ideias, o respeito a regras. Os jogos e brincadeiras permitem que os alunos se estruturam em grupo, levando-os a conhecer seus próprios limites e possibilidades.

Existem inúmeros tipos de jogos e brincadeiras indispensáveis para que o desenvolvimento da criança ocorra, que podem ser classificados de diferentes formas, Piaget (2003) identificou três estágios: sensório-motor, simbólico e de regras. Se tratando da educação infantil, enfatiza-se aqui os jogos simbólicos que ocorrem de 2 a 6 anos. Este tem como finalidade fazer com que a criança assimile a realidade, pois leva a reproduzir fatos predominantes do ambiente em que se encontra.

Segundo Vanti (2012, p.32), vale ressaltar que algumas brincadeiras educativas são de extrema necessidade para o desenvolvimento infantil:

- Brincadeiras manipulativas: Permitem que a criança desenvolva conceitos matemáticos e experiências sensorio-motoras. Podem ser vivenciadas através de brinquedos de montar e encaixar.
- Brincadeiras dramáticas: Faz com que a criança desempenhe um papel social de faz de conta.
- Brincadeira motora: Envolve a motricidade de forma ampla.
- Brincadeiras tradicionais infantis: Passadas de geração a geração, próprias da realidade social da criança.
- Jogos de tabuleiro: Possuem regras que precisam ser cumpridas. É a transição entre a atividade individual e a socializada.
- Jogos didático-pedagógicos: Tem como objetivo fazer com que aluno tenha uma melhor assimilação de determinado conteúdo de aprendizagem.

O lúdico é considerado uma ferramenta essencial para enriquecer a educação, tornando-a mais concreta e reflexiva no ambiente escolar. Por meio de atividades lúdicas, a criança se prepara para a vida, absorvendo a cultura do meio em que está inserida. Essas atividades permitem que ela se adapte às condições oferecidas pelo contexto social, enquanto aprende a competir, cooperar com os outros e desenvolver habilidades para conviver como um ser social. O lúdico, portanto, vai além do brincar; é um processo de aprendizado que molda a interação e o crescimento da criança.

LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

No contexto educacional, a ludicidade é amplamente reconhecida como uma ferramenta pedagógica poderosa. Por meio de jogos e brincadeiras, os professores conseguem engajar os alunos, promover a socialização e facilitar o processo de aprendizagem. Porém, além de ser um meio para adquirir conhecimentos, a ludicidade é também um canal através do qual os alunos constroem sua identidade.

Em ambientes lúdicos, as crianças podem testar suas habilidades, desenvolver a autoconfiança e explorar sua criatividade, aspectos fundamentais para a construção de uma identidade forte e autônoma. A pedagogia moderna reconhece que o brincar é um direito da criança e uma necessidade para o seu desenvolvimento pleno, como afirma a Declaração dos Direitos da Criança, de 1959.

O lúdico permite que o indivíduo se relacione com o mundo de forma significativa, desenvolvendo uma compreensão de si e do outro. No ambiente escolar, a inclusão de atividades lúdicas favorece a criação de um espaço de aprendizado mais inclusivo e menos rígido, onde as crianças podem expressar livremente suas emoções, questionamentos e dúvidas, facilitando, assim, o processo de autoconstrução e aprendizagem colaborativa.

A identidade tem a ver com o sentido de ser. Não é um determinismo, mas um campo de exploração e questionamento, pois quando começam a adquirir condições para realização de suas ações, as crianças começam a descobrir que cada um de seus atos além de proporcionar diferentes sensações, seja de prazer ou de angústias, também, carrega consequências. O que além de desenvolver a autonomia para escolher o que gosta, o que não gosta, também, simultaneamente

desenvolverá sua identidade individual dentro de um processo de construção coletiva, pois, todas suas ações terão intervenções de outros, sejam crianças ou adultos (KRAMER, 2006).

Kramer (2006) ressalta que quando pensamos nas crianças, nós o fazemos como uma maneira de pensar o eu, de pensar o outro e com o outro, pois é no coletivo e não isolada que está se descobre enquanto integrante de um todo (social, cultural e político) em que ela vive. Isso nos leva a reconhecer as subjetividades que a criança atribui aos objetos de aprendizagem, como um lugar do dizer, do sentir, do olhar e do aprender, que são para além das marcas culturais e de classe, que muitas vezes ignoramos.

Acolher os sentidos de ser, permite-nos mostrar e compartilhar a multiplicidade, celebrar a diferença, destacar a individualidade do pensar, do dizer e do sentir. A identidade não é algo que nos marca, ou que temos que descobrir, mas algo que se constrói e reconstrói, se cria e recria, inventa e se reinventa, até chegar à maturidade.

Para Piaget (*apud* ANTUNES, 2001, p.29):

A construção da identidade e da autonomia é a fase da “consciência do eu e das regras que devem nortear os princípios do autoconhecimento, de autoestima e da individualidade essencial do ser ligada a capacidade de pensar o que os outros pensam e, portanto, as regras que devem firmar os fundamentos da empatia, solidariedade, estima e, em alguns casos, o amor pelo outro.

Nessa perspectiva, fortifica-se a ideia de que a cooperação e interação intrínseca nas brincadeiras infantis solidificam a construção do sujeito enquanto sujeito autônomo, não reprimido pelas imposições sociais, mas um sujeito livre e que livremente se convence de que o respeito mútuo é bom, legítimo e incorpora outros valores sociais espontaneamente.

O brincar pressupõe uma forma particular de aprendizado e está estabelece uma relação com a realidade da vida comum, e dessa feita suas ações ultrapassam o desenvolvimento já alcançado impulsionando-a a conquistar novas possibilidades de compreensão e de ação sobre o mundo. A possibilidade de imaginar, de ultrapassar o já estudado, de estabelecer relações, de inverter ordem, de articular e identificar passado, presente e futuro potencializam possibilidades de aprender sobre o mundo que vive e se conhecer nele como sujeito.

Vygotsky (1989, p. 117) afirma que “no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. No brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade”. Para Vygotsky (2019, p.12), denomina-se a zona de desenvolvimento proximal:

[...] a distância entre o nível do desenvolvimento real, que costuma determinar pela solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Pode-se dizer, a partir dessas reflexões, que “o brincar é, portanto, uma atividade natural, espontânea e necessária para a criança, constituindo-se em uma peça importantíssima na sua formação. [...]” (SANTOS, 2002, p. 04). E, esses conhecimentos se tecem nas atividades do cotidiano,

construindo os sujeitos e a base para muitas aprendizagens e situações de interpretação do mundo e sua ação no mesmo.

Kramer (2006, p. 41) ressalta que:

no brincar as crianças vão se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras.

Brincar com o outro, porém, é uma experiência de cultura e um complexo processo de interatividade e reflexão sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor. Portanto, a infância é além de um fato biológico nos dizeres de Dahlberg (*apud* BRANDÃO; PASCHOAL, 2009, p. 38):

Construção social é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas. Por isso, não há uma infância natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças, [...], mas, todas participando da construção e determinando sua própria vida a partir de sua realidade.

Nesta perspectiva, a criança é entendida como construtora desde o início da vida, do conhecimento, da cultura e da própria identidade. Portanto, independentemente de a criança de seis anos ser matriculada no Ensino Fundamental ou Infantil, cabe aos educadores oferecerem-lhes uma educação capaz de contribuir para o desenvolvimento físico, psíquico, social e intelectual da criança. Para Almeida (2000), o brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. O brincar é uma experiência humana, rica e complexa.

Conforme Cunha (2001), o brincar é uma característica primordial na vida das crianças. Em seu livro, a autora fala que brincar é importante, porque brincando, a criança desenvolve a sociabilidade, faz amigos e aprende a conviver respeitando o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo, também diz que ao brincar a criança prepara-se para o futuro, experimentando o mundo ao seu redor dentro dos limites que a sua condição atual permite. “Porque, brincando, a criança está nutrindo sua vida interior, descobrindo sua vocação e buscando um sentido para sua vida” (CUNHA, 2001, p.11).

Lima (2006) fala que o brincar é tão natural para a criança quanto comer, dormir ou falar.

Basta observar um bebê nas diferentes fases de seu crescimento para confirmar tal fato: logo que descobre as próprias mãos, brincar com elas; a descoberta dos pés é outro brinquedo fascinante; diverte-se com a voz quando balbucia os primeiros sons; cospe a chupeta ou o alimento vezes seguidas; atira, incansavelmente, um objeto ao chão, desafiando a paciência de quem o apanha; levanta-se e torna a cair entretendo-se com isto; pula sem parar; corre sem se cansar (LIMA, 2006, p. 01).

Conforme destacado pelo autor, ao brincar é que a criança conhece a si mesmo e ao mundo, desde bebê, quando mexe com as mãos e os pés, ou com algum outro brinquedo que leva a boca, desde daí vai reconhecendo suas próprias características e do mundo exterior, assim como descobre suas características.

Lima (2006), afirma que, por meio da brincadeira, a criança vai formando vínculos, pois brinca com objetos externos e internos, invertendo o papel da realidade e da fantasia, havendo uma troca entre os dois “mundos”. Brincando, a criança tem a oportunidade de enfrentar o medo daquilo que ainda não conhece, do que é novo para ela. É brincado com o desconhecido, que aquilo se torna conhecido, brincando com o medo, que o enfrenta, e acaba por vencê-lo.

Para Maluf (2003), a brincadeira ajuda no desenvolvimento das crianças, pois promove processos de socialização e descoberta do mundo, não sendo a brincadeira um simples passatempo para as crianças. Segundo a autora, transmite-se a brincadeira para criança através de seus próprios familiares, de forma expressiva, passando de uma geração a outra, mas também pode ser aprendida pela criança de forma espontânea. Em seu texto ainda cita que a brincadeira é uma forma de se divertir própria da infância, o brincar é uma atividade natural da criança.

Fröebel (1912 *apud* SOBRINHO; BATISTA 2002), resume a concepção de brincadeira, dizendo que é a atividade espiritual mais pura do homem na infância, e que típica de todos. Afirma também que a criança que brinca sempre com determinação, certamente se tornará um adulto determinado, ainda fala que o brincar em qualquer tempo, é algo altamente sério, e de muito significado.

Em sua pesquisa Lima (2006), fala que para criança o significado da brincadeira, não é o mesmo significado que para o adulto, que pensa que o brincar, a ocupação do tempo livre, divertimento etc., o brincar é algo muito sério, o brincar desenvolve potencialidades, limites, experimentam-se novas habilidades, aprende-se a viver, e a vencer etapas no mundo em que cercam as crianças. A autora cita que o empenho da criança na hora de brincar, é o mesmo que ela tem quando aprende a falar, comer, caminhar etc. já Vygotsky (1989, p. 118), exprime dessa maneira:

Em resumo, o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade.

Conclui-se, portanto, que a ludicidade não apenas favorece o aprendizado e a socialização, mas também atua como um processo fundamental para a formação de uma identidade humana completa e participativa, na qual o indivíduo consegue se perceber como parte de um todo e, ao mesmo tempo, fortalecer sua individualidade dentro do contexto social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade humana é um processo dinâmico e contínuo, que ocorre em constante interação com o meio social. A ludicidade, por meio de brincadeiras, jogos e atividades coletivas, desempenha um papel essencial nesse processo, pois oferece à criança a oportunidade de experimentar diferentes papéis e interagir com outras pessoas, o que é fundamental para o desenvolvimento da identidade social. Nesse contexto, as atividades lúdicas possibilitam a formação

de vínculos sociais, promovem a empatia e facilitam a compreensão de normas e valores compartilhados pela sociedade.

Ao participar de jogos e brincadeiras, a criança não apenas se diverte, mas também vivencia e internaliza regras sociais, como o respeito ao outro, a cooperação e a resolução de conflitos. Além disso, a ludicidade permite que a criança explore sua própria subjetividade e reconheça as diferenças individuais dos colegas, ajudando-a a desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo e a respeitar a diversidade. Essa vivência contribui diretamente para a construção de uma identidade cultural que reflete a interação do indivíduo com os demais.

As atividades lúdicas em grupo, como jogos cooperativos, brincadeiras de faz de conta e esportes, proporcionam momentos de troca e de aprendizado coletivo, onde as crianças podem experimentar papéis de liderança, aprender a seguir regras, compartilhar responsabilidades e construir relações de confiança. Essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades sociais que serão essenciais ao longo de toda a vida.

Para além da infância, a ludicidade continua a desempenhar um papel importante na formação e reforço da identidade social na vida adulta. A participação em atividades lúdicas, como esportes em equipe, jogos de tabuleiro e outras formas de recreação coletiva, contribui para a construção de laços sociais e o fortalecimento de uma identidade compartilhada. Adultos que se envolvem em atividades lúdicas têm a oportunidade de reforçar suas redes de apoio social, vivenciar momentos de cooperação e competição saudáveis e desenvolver uma percepção mais ampla sobre si mesmos e sobre os outros.

A ludicidade também favorece a adaptação social, especialmente em contextos desafiadores, como mudanças de escola, novas turmas ou mesmo ambientes de trabalho. Ao permitir que as pessoas experimentem situações novas em um contexto lúdico e livre de julgamentos, os jogos e brincadeiras facilitam a socialização e a aceitação de normas e papéis sociais. Portanto, a ludicidade se configura como uma ferramenta poderosa na construção social da identidade, não apenas ao estimular o desenvolvimento das capacidades emocionais e cognitivas, mas também ao promover a integração social e a vivência de experiências que moldam a forma como o indivíduo se percebe e interage com o mundo ao seu redor. Por meio do lúdico, as crianças e adultos podem se conhecer melhor, entender seu lugar na sociedade e fortalecer sua identidade de maneira coletiva e colaborativa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Creches**: atividades para crianças de 0 a 6 anos. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica** - técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 20.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

ANTUNES, D. A. **O direito da brincadeira a criança**. São Paulo: Summus, 2001.

BARROS, Adriana Peres; CASTRO, Jane Gomes de. A formação do professor de educação infantil e a educação inclusiva. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 04, v. 01, N. 6, p. 84-95, jun./2019.

BARROS, João Luiz da Costa. A valorização da ludicidade enquanto elemento construtivo do modo de vida das crianças nos nossos dias. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2002. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra>. Acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Introdução. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Maykon Dhonnes de Oliveira; BATISTA, Leticia Alves. Educação Infantil: o lúdico no processo de formação do indivíduo e suas especificidades. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 23, 22 jun. 2021.

CARVALHO, Denise Maria de; CARVALHO, Tânia Câmara Araújo de. Educação Infantil: História, Contemporaneidade e Formação de Professores. **Anais... II Congresso Brasileiro de História da Educação**, Natal-RN, 2002.

CUNHA, Nyelse Helena Silva. **Brinquedoteca**: um mergulho no brincar. 3.ed. São Paulo: Vetor, 2001.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva 2019.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas públicas educacionais no Brasil: educação infantil e fundamental. **Revista Educação e Sociedade**. Centro de Estudos Educação e Sociedade. CEDES, Campinas, v. 27, n. 96, p. 797-818, n. especial, out./2006.

KUHLMANN JR., Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KULISZ, Beatriz. **Professoras em cena**: O que faz a diferença? 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LIMA, Jaqueline da Silva. A importância do brincar e do brinquedo para as crianças de três a quatro anos na Educação Infantil. **Pedagogia em Foco**, 2006. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/edinf01.htm>. Acesso em: 05 set. 2024.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar**: prazer e aprendizado. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MORAES, Giane Severino Correa; COELHO, Helda Gomes. A importância do lúdico na Educação Infantil. **REEDUC**, UEG, v. 7, n. 2, p. 96-125, maio/ago. 2021.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de *et al.* **Creches**: Crianças, faz de conta e Cia. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil**: Fundamentos e Métodos. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. História da Educação Infantil no Brasil: Avanços, Retrocessos e Desafios dessa Modalidade Educacional. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n.33, p. 78-95, mar./2009.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RIZZO, Gilda. **Creche**: Organização, Currículo, Montagem e Funcionamento. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). **Brinquedoteca**: lúdico em diferentes contextos. 8.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

SOBRINHO, Cristhiany; BATISTA, Jacyara. **O brincar como facilitador da aprendizagem na Educação Infantil**. Belém-PA, 2002. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/tcc_o_brincar_como_facilitador_da_educacao_infantil.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

VANTI, Elisa dos Santos. **Projetos Interdisciplinares**. 1.ed., rev. Curitiba-PR: IESDE Brasil, 2012.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia del arte**. Barcelona: Barral, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. Edição padrão. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

WALLON, Henri. **Do Ato ao Pensamento**. Lisboa: Moraes, 1979.